



O repórter José Roberto Burnier, um dos 10 profissionais presentes na Jornada de Jornalismo 2010, defende perfil generalista para a profissão. **Página 3**

FOTO: LILIAN ALMEIDA

Ano 4 - Nº 63 - Fac. de Jornalismo - PUC-Campinas - 1 a 15 de junho de 2010

grupo transgride a lei do menor esforço

FOTO: CAROLINA MARIAIVA



Em Campinas, uma comunidade se encontra regularmente para praticar *Parkour*, atividade que tem por objetivo transpor obstáculos no espaço urbano através do esforço físico, desenvolvendo condicionamento por meio da movimentação e percepção corporal. **Página 6**



FOTO: PEDRO GARCIA

Clube promove pôquer sem riscos

Casa em Campinas organiza torneios com limites no valor e na frequência de apostas. Tudo dentro da lei, garantem os donos do empreendimento. **Página 7**

TV comunitária com formato comercial

Dos 49 programas da grade do Canal Comunitário de Campinas, entre religiosos e de entretenimento, nenhum é voltado ao cotidiano dos bairros. **Página 4**



Foto: Estack Jujú

Casa dos 'imortais' comemora 54 anos

Academia Campinense de Letras, reduto de 40 escritores da cidade de Campinas, rende homenagens aos componentes que mais se destacaram ao longo de sua história. **Página 8**



Foto: NARA DIAS

ACOMPANHE O SAIBA+

PORTAL: <http://www.saibamaisnet.com.br/>

EMAIL: saibamaiscampinas@gmail.com

TWITTER: <http://twitter.com/jornalsaibamais>

Notas

DÉBORA BARDUCHI

Daniel e Paloma no intercâmbio em Coimbra

A Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas já tem os nomes dos alunos selecionados para curso de intercâmbio com a Universidade de Coimbra, em Portugal. São eles: Daniel Serrano, do quarto ano matutino; e Paloma Curvo Leite Domingues, do terceiro ano noturno. Os candidatos ainda não receberam a resposta da universidade portuguesa, mas as aulas estão marcadas para o início do mês de setembro.

Ana Paula no congresso da SBPC em Natal

A aluna de Jornalismo Ana Paula Palazi é uma das três estudantes da universidade que tiveram trabalho de iniciação científica selecionado para apresentação no 62º Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Sob orientação do prof. Carlos Alberto Zanotti, a acadêmica produziu o artigo "A evolução do serviço de SMS e sua implantação na RMC". O evento, o maior encontro científico brasileiro, ocorrerá entre 25 a 30 de julho em Natal (RN).

Artes Visuais é 2º lugar em Recife

A professora Luana Veiga, da Faculdade de Artes Visuais, foi contemplada com o 2º lugar no II Concurso Mário Pedrosa de Ensaio sobre Arte e Cultura Contemporâneas da Fundação Joaquim Nabuco, órgão vinculado ao Ministério da Educação. A premiação ocorreu em 11 de maio, na sede da Fundação Joaquim Nabuco, em Recife.

Especialização em Gestão no Jornalismo

Estão abertas as inscrições para o curso de Especialização de Gestão e Produção em Jornalismo. O curso, que visa ensinar as linguagens específicas para os produtos midiáticos, terá duração de três semestres e será ministrado aos sábados, das 8h às 11h35 ou das 13h15 às 16h50. Os interessados devem se inscrever pelo site da PUC-Campinas até 6 de julho.

Festival de Leitura homenageia Hilda Hilst

O FILC (Festival Internacional de Leitura de Campinas) realiza neste ano sua segunda edição. Com o objetivo de difundir o hábito da leitura, o festival, que ocorre no SESC entre os dias 29 de maio e 6 de junho, homenageia este ano a escritora Hilda Hilst. A autora, que viveu em Campinas a partir de 1965, produziu a maior parte de suas obras na cidade.

Minha Cidade é tema do Concurso CNN 2010

O professor Amarildo Carnicel será o representante da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas no Concurso Universitário de Jornalismo CNN 2010. Amarildo fará parte da comissão julgadora do concurso, que terá como tema "Minha Cidade, Minha Vida, Uma Atitude". O evento propõe que estudantes de todo o Brasil enviem matérias em vídeo com sugestões para melhorar a vida nas cidades. Os interessados em participar devem se inscrever pelo site concursocnn.com.br/2010. Lá, preencherão a ficha de inscrição. O vencedor receberá um troféu e uma viagem para Atlanta, nos EUA, onde visitará os estúdios da CNN e ainda terá a matéria transmitida pelo canal.

Curso Estado de Jornalismo Aplicado

Estão abertas as inscrições para o 21º curso de Jornalismo Aplicado do jornal "O Estado de S. Paulo". Os alunos que se formarem neste ano e os que concluíram o curso em 2008 e 2009 podem participar. Ao todo, serão 35 vagas, sendo 30 para universitários brasileiros e cinco para cursos do exterior. O intensivo será realizado entre os dias 1º de setembro e 10 de dezembro. Os interessados podem se inscrever até o dia 4 de julho pelo site www.estadao.com.br/talentos, ou pelas fichas publicados em OEstado de S. Paulo e Jornal da Tarde.

Saiba+

Jornal laboratório produzido por alunos da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas. Centro de Linguagem e Comunicação (CLC): Diretor: Prof. Dr. Rogério E. R. Bazi; Vice-Diretora: Profa. Maura Padula; Diretor da Faculdade: Prof. Lindolfo Alexandre de Souza. Tiragem: 2.000. Impressão: RAC.

Editor-chefe e Professor Resp.: Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti (MTb 17.463)
Capa: Ronaldo Mikelli
Endereço: CLC - Campus I - Rod. D. Pedro, Km 136 Cep: 13086-900
E-mail: saibamaiscampinas@gmail.com

CARTA AO LEITOR

Nossa profissão: repórteres

CAMILA DALLA COSTA

Mais do que dar nome a programa de televisão, a profissão de repórter é a que mais encanta e desafia estudantes ansiosos para sair às ruas fazendo jornalismo na sua expressão mais nobre: a boa e velha reportagem.

Com o tema "Reportagem – a qualquer tempo, em qualquer mídia", aconteceu nos dias 18 e 19 de maio a tradicional Jornada de Jornalismo da PUC-Campinas. Com o propósito de discutir a reportagem e o papel do repórter nos mais diversos meios, os conferencistas foram unânimes quanto à importância da boa apuração no processo da produção jornalística e da busca de boas histórias, independentemente da plataforma: rádio, TV, jornal impresso ou internet.

Ao debater o homem por trás da reportagem, o evento suscitou uma discussão que há muito – principalmente com a proposta de reforma curricular no curso de jornalismo – vem dando o que falar: ser especialista ou generalista?

Na ocasião, vários caminhos foram

discutidos. O jornalista Carlos Dornelles, da TV Record, alertou para os perigos do especialismo especializado, afirmando que a especialização pode levar à corrupção. Citou como exemplo o caso do banqueiro Daniel Dantas que, segundo Dornelles, aproveitou-se de jornalistas especializados – com os quais passou a manter relações que extrapolavam – para "plantar" informações que pudessem prejudicar seus concorrentes.

O dilema da especialização na área, cujo interesse no tema ultrapassa as fronteiras do próprio jornalismo, você encontra na página 3 desta edição do jornal laboratório da Faculdade de Jornalismo. Mas, se como afirmo o jornalista Ivan Marsiglia, "jornal é feito de boas histórias", colocamos esta premissa em prática e participamos de uma reunião da Academia Campinense de Letras. Lá, encontramos, além de muita gente que produz histórias, a mulher considerada memória viva destas boas histórias. Chamada de 'guardiã' da Academia, Cat foi a primeira mulher a conseguir um espaço neste clube tão peculiar e historicamente masculino. Boa leitura!

CRÔNICA

A vida em débito automático

JOSÉ ANTONIO PICELLI

Certa manhã, a simpática moça do telemarketing do banco me ligou. Com aquele sorriso na voz típico de apresentadora de programa de TV infantil, ela me oferecia um novo serviço de cobrança disponível na empresa. Ao invés de receber os boletos pelo correio, eles seriam enviados diretamente ao meu e-mail para que pudessem ser pagos através da internet.

- Dessa forma o senhor estaria poupando o serviço do carteiro de andar por toda a cidade e, de quebra, estaria evitando horas intermináveis nas estressantes filas do banco. O que o senhor acha?

A princípio não consegui responder a questão da moça. Não pelo gerundismo irritante, mas, pelo fato de ter sido acordado com o telefonema, o Tico e o Teco ainda estavam com dificuldades para processar a informação às 9 horas da madrugada.

"Quando foi a última vez que estive no banco? Quando foi a última vez que paguei o cartão de crédito? Aliás, QUEM TEM PAGO MEU CARTÃO?", pensei. Segundos depois, o alívio: há meses vivia no comodismo do débito automático.

FRASES DA EDIÇÃO 61

"A língua é muito mais ampla e flexível do que aquilo que está no dicionário". (Do linguista Eduardo Guimarães)

"... o resultado será desregularizar os direitos trabalhistas". (Da sindicalista Mariane Botelho, sobre projeto de lei em tramitação no Congresso Nacional)

SAIBA+ (GRATUITO) NAS BANCAS

Panetteria Di Capri: R. Maria Teresa Dias da Silva, 530; Banca do Ademir: Praça 30 de dezembro (B. Geraldo); Banca do Português: Próx. Varejão Oba (B. Geraldo); Banca Barão: Av. Albino J.B. Oliveira, 1.480 (ao lado City Bank); Banca Central: Av. Santa Isabel, 20; Padaria Alemã: Av. Dr. Romeu Tórtima, 285; Banca Rio das Pedras: R. Maria T. Dias da Silva s/n; Banca do Mineiro: R. Benedito Alves Aranha, 201; (ao lado da Matriz de Santa Isabel); Banca Frutaria: R. Maria T. Dias da Silva, 790; Banca do Alemão: R. General Osório esq. c/ Francisco Glicério; Banca da Bia: R. Dr. Thomas Alves; Banca da Mara: Av. Francisco Glicério (em frente ao Correio e Telégrafos); Banca do Léio: Av. Dr. Romeu Tórtima, 283; Banca Riviera: Av. Cel. Silva Telles, 37; Banca Lagoa: Av. Heitor Penteado, Portão 1; 100% Vídeo Cidade Universitária; Banca do Guará; Banca Rosário: Largo do Rosário; Café Regina: R. Barão de Jaguará, 1.032; Banca Cidade Universitária: R. Ruberley Boareto da Silva, 1015. **Em Itatiba:** Banca Palu: Av. Vinte e Nove de Abril, 80.



Burnier (TV Globo):
“Na televisão não dá para ser muito especialista”

Jornada reafirma repórter generalista

Encontro promovido pela Faculdade de Jornalismo destaca desvantagens na formação de especialistas

FOTOS: DÉBORA BARDUCHI E LILIAN JACOB

DÉBORA BARDUCHI e
LILIAN JACOB

Para o interesse público, é melhor ter um jornalista que entenda um pouco de tudo ou um jornalista que entenda muito de pouco? Traduzindo: é mais importante ser repórter generalista ou especializado em determinada área de cobertura?

“A especialização leva à corrupção”, afirmou o repórter Carlos Dorneles, da TV Record, um dos dez profissionais de imprensa que compareceram à Jornada de Estudos de Jornalismo, realizada dias 18 e 19 de maio, no Auditório Dom Gilberto, promovida pela Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas. Segundo Dorneles, o repórter especializado, em função da natureza de seu trabalho, cria vínculos tão estreitos com suas fontes que, involuntariamente ou não, acaba fechando os olhos à publicação de notícias que vão contra o interesse de quem lhe passa informações.

A necessidade da formação generalista do repórter foi o denominador comum de todas as conferências realizadas no evento. Além de servir de dica para os que pretendem ingressar no mercado de trabalho, a conclusão também apontou para um perfil multifuncional dos formandos da área, que exige o domínio de várias linguagens em diferentes campos de aplicação do jornalismo. Nesse novo perfil, o repórter é aquele que se interessa pelos assuntos que mobilizam a opinião pública e que vai atrás de informações para cumprir uma boa pauta.

Entre todos os palestrantes, a opinião de que o repórter generalista é o futuro da profissão foi quase unânime. Em compensação, diminuiria assim a demanda por jornalistas especializados, que, apesar de serem importantes dentro de uma redação, ficariam restritos a determinados assuntos.

“O repórter da atualidade precisa ter um leque variado de conhecimento, bem generalizado mesmo. É muito legal se aprofundar em um determinado assunto, mas o jornalista corre o risco de ficar limitado”, afirmou Fábio Gallacci, repórter da RAC (Rede Anhanguera de Comunicação).

Agostinho Teixeira, repórter da Rádio Bandeirantes, completou o raciocínio com

uma característica que, para ele, anda ausente nos perfis dos novos profissionais: “Falta, nos veículos de comunicação, uma observação mais aprofundada do repórter”, explicou em relação à necessidade e à importância do fator curiosidade durante a produção das reportagens.

O modelo “multiuso” de formação profissional atingiria, segundo ponderaram os conferencistas, todos os meios de comunicação e todos os cargos dentro do jornalismo atual. Para o repórter José Roberto Burnier, da Rede Globo, a especialização chega como trunfo do jornalista nos tempos atuais.

“Na televisão, não dá para ser muito especialista: tem que saber um pouco de tudo. Tenho que estar ligado em tudo que acontece, caso haja imprevistos”, disse Burnier.

Repórter fotográfico da Folha de S. Paulo, Jefferson Coppolla também acredita na necessidade da formação generalista. “Se o jornalista souber apurar, não é preciso ter especialização. Na foto, é preciso ser multiuso, não tem jeito. É preciso estar pronto para qualquer tipo de matéria, em qualquer editoria”, disse.

“FONTISMO”

Segundo Dorneles, quando um profissional se estabiliza em uma área e não é transferido para nenhuma outra, ganha confiança e dependência de certas fontes, criando o chamado fontismo. Tão criticado e prejudicial ao cotidiano da profissão, o fontismo gera uma ligação entre as duas partes, que pode transformar o repórter em refém da fonte. “Além do que, só o conhecimento não basta, a curiosidade vale mais do que qualquer coisa”, completou.

Apontado como uma necessidade para a profissão, o jornalismo generalista precisaria se adequar também ao conteúdo social e se relacionar à história do país. É o que pensa Diego Zanchetta, repórter do jornal O Estado de S. Paulo, e Carlos Azevedo, ex-repórter da TV Globo e da revista Realidade. “Jornalista generalista é melhor, mas com conteúdo social”, ressaltou Zanchetta.

Para Azevedo, o conhecimento sobre os temas do cotidiano é primordial para a

realização de um bom jornalismo. “O jornalista precisa ser consciente da importância do conhecimento. Não é possível ser um bom repórter sem fazer um estudo da história do seu país”, afirmou Azevedo, que dá importância à captação de dados. “Jornalismo é 80% do tempo pesquisa, estudo, entrevista. No resto, fica até fácil escrever, depois de ter tudo à disposição”, lembrou.

A apuração dos fatos e a imersão do repórter na história que está cobrindo é essencial para a produção de uma grande reportagem. Foi o que ponderou o repórter Raul Dias Filho, da TV Record, que vivenciou a situação quando foi escalado para cobrir a queda do avião da Gol, em Mato Grosso. “O jornalismo não é feito sozinho”, disse o repórter, em alusão à participação de outras pessoas no caso.

Ivan Marsiglia, do Estado de S. Paulo, utilizou-se do mesmo raciocínio na hora de descrever o que é um bom texto. “Boas histórias e bons personagens são o futuro do jornalismo impresso”, comentou.

A importância do aprendizado e domínio de técnicas de comunicação também foram ressaltadas pelos palestrantes. Porém, mais do que a técnica, os jornalistas disseram que a vivência do profissional e sua própria cultura são mais importantes para a captação de informações. “O curso de jornalismo dá boa formação humanística e isso é mais importante no cotidiano do que formação técnica”, ponderou Zanchetta.

Ainda sobre as multilinguagens e tecnologias que a profissão exige, Dorneles afirmou que “a tecnologia é útil quando facilita, quando trabalha junto ao repórter, quando ele não deixa de ser repórter por causa da tecnologia”, disse.

A capacidade de interpretação do repórter também seria um dos pilares do bom jornalismo moderno. Repórter da MTV, Marcelo Soares ressaltou a importância de refletir sobre os dados obtidos nas apurações, a fim de divulgar mensagem da forma mais correta ao público. “Os dados sozinhos, por si só, não são jornalismo. É preciso uma cabeça para refletir os números. Temos que lembrar que quem manda no jornalismo é o público. O jornalista escreve, mas a aceitação do público é o que vale”, concluiu.



Dornelles (Record):
“Especialização leva à corrupção no jornalismo”



Zanchetta (Estadão):
“Generalista é melhor, mas com conteúdo social”



Gallacci (RAC):
“É muito legal se aprofundar em um assunto”



Raul (TV Record):
“Jornalismo não é feito sozinho”



Marcelo (MTV):
“... quem manda no jornalismo é o público”



Ivan (Estadão):
“Boas histórias e bons personagens são o futuro do impresso”



Azevedo (Ex-Realidade):
“80% do tempo é pesquisa, estudo e entrevista”



Agostinho (Rádio Band):
“Falta observação mais aprofundada do repórter”



Coppolla (Folha):
“Na foto, é preciso ser multiuso, não tem jeito”

Canal comunitário legitima lógica do capital

O Canal 8 abriga desde programas religiosos, como o *Vamos Celebrar*, da Igreja Evangélica Renascer, a outros, de colonismo social, como o *Casual*, enquanto as comunidades carentes da cidade seguem sem voz

ERICK JULIO

Em uma casa de portões fechados, na Rua Antônio Zaine, 30, em Barão Geraldo, funciona o Canal 8, nome dado ao canal com função comunitária distribuído pela operadora de TV a cabo Net. Com um pequeno estúdio, uma antena de transmissão e sob as bandeiras de “dar voz à pluralidade de opiniões” e de “divulgar a cultura e história regional”, o serviço possui 41 programas em sua grade, dos quais produzidos por entidades ligadas à Eucamp, associação que administra a emissora ou suas parcerias, e outros oito programas independentes. Nenhum deles, no entanto, voltado ao cotidiano das comunidades de bairro da cidade de Campinas.

A Eucamp é uma associação de organizações não governamentais sem fins lucrativos, responsável pela emissora. Cada entidade filiada, que paga mensalmente R\$ 100,00 de contribuição, tem direito à veicular programas na grade da programação. As produções são geralmente voltadas a assuntos ligados à temática das ONGs que dele participam, como é o caso da Associação de Cultura e Esporte Social (Rede Acesso), que mantém o programa de debates “Amigos do Futebol”. São dez ONGs filiadas à associação, a maioria voltada para a área cultural.

Além de veicular vídeos das entidades que o administra, o Canal Comunitário também abre espaço para programas de parcerias feitas com outras associações, como o “Clubes em Destaque”, programa da Associação dos Presidentes de Entidades Sociais e Esportivas de Campinas (Apesec), que mostra as atividades nos principais clubes esportivos da cidade. A grade de programação ainda conta com programas religiosos, de culinária, de empreendedorismo, de entrevistas e até de colonismo social, ficando de



FOTO: ERICK JULIO

Geração Y: Marcelo Karopo faz entrevista de estúdio com a antropóloga Kênia Kemp

fora o principal objetivo da comunicação comunitária: a cidadania, como sugere Círcia Peruzzo em sua obra “TV Comunitária no Brasil: aspectos históricos”.

Já para Lilia Gallana, artista plástica e atual presidente da Eucamp, o canal contribui para a construção da cidadania do telespectador. Segundo ela, “acaba contribuindo, porque essa programação local faz o cidadão se ver, e está mostrando a nossa própria história, não a história do Rio de Janeiro e São Paulo”. Gallana conta que teve muito trabalho quando assumiu a presidência da entidade, pois a programação era de baixa qualidade de imagem e som, além de não ter a linguagem adequada para a televisão.

Por ser um canal que está inserido no sistema cabo, sendo acessível somente às classes média e alta, Gallana revela que é preciso se atentar principalmente para a questão estética, ou seja, a qualidade de som e imagem. “Não adianta fazer TV para ninguém ver, é preciso ter um formato legal, mostrar uma qualidade com-

patível com uma TV aberta”. O “formato legal” a que Gallana se refere é em relação principalmente a qualidade da imagem e som.

Sérgio Ferreira do Amaral, professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e ex-presidente do Canal 8, faz críticas ao formato da grade de programação da emissora na dissertação de mestrado “A TV comunitária na construção da cidadania: experiência do canal Fênix de Campinas”, sob sua orientação. Segundo Amaral, a preocupação com a qualidade estética é coerente, porém “não se pode construir um formato de TV comercial dentro do canal comunitário”.

COM FORMATO DE TV COMERCIAL

Para o professor, “uma outra comunicação é possível”. A principal missão do TV comunitária seria, segundo ele, “reinventar as realidades”, em uma alusão ao lema do Fórum Mundial Social, um dos principais eventos sobre

a democratização da comunicação. “Explorar o mesmo formato da TV comercial não é necessário porque a TV comunitária não é feita à base de audiência”, aponta o docente. Amaral afirma que o canal tem muito a evoluir em termos de programação, e que é preciso inserir o cidadão na produção de conteúdos, trazendo-o para dentro do processo de criação e gravação dos programas.

Embora acredite que a emissora contribua para com a construção da cidadania, Gallana reconhece que há pouco espaço para o que chama de “outras comunidades”, ou seja, os cidadãos dos bairros periféricos, ausentes desse processo de produção, o que é inviabilizado pelo fator financeiro. Gallana conta que é difícil disponibilizar os equipamentos da emissora para essas comunidades, pois só contam com uma câmera para fazer alguma chamada para os programas das entidades, além do fato de que a grande maioria dos interessados não tem condição de bancar uma produção em TV.

O problema financeiro seria tão fundamental para Jerry de Oliveira, coordenador regional da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (Abraço). Para ele, “a TV comunitária independentemente de formato e fator financeiro, deve garantir a liberdade plena de criação”, por meio do embate político e da luta por uma melhor legislação. Jerry acredita que os movimentos sociais não se atentaram para a discussão da construção de uma comunicação cidadã nas TVs comunitárias. Segundo disse, não existe um debate de concepção do modelo de televisão, seja comercial ou comunitária, além do fato de que, em uma sociedade de mercado, na qual o marketing e a propaganda são as principais ferramentas de comunicação, alguns valores são impostos. “A realidade impede que se entre em outros campos, como ética, criatividade, cidadania e desenvolvimento local”, afirma.

O coordenador da Abraço diz ainda que a atual grade de programação do Canal 8 “não só reproduz o formato comercial da TV aberta, como legitima a superioridade do capital sobre o social”. Jerry denomina as programações das TV abertas como “TV Balcão”. “Infelizmente, a gente vê uma TV comunitária engendrando pelo mesmo caminho”, diz ele, por ter alguns programas como o “Fé em ação”, de igrejas evangélicas, e o “Circuito Fechado”, de eventos sociais da elite campineira, este último exibido também na TVB-Campinas. Nestes casos, ficaria evidente o interesse em apenas vender o espaço de exibição.

Em relação valor cobrado por veiculação de programas não ligados às ONGs, Gallana informa que são cobrados R\$ 700,00 por 30 minutos de espaço e R\$ 1.400,00 por uma hora em contratos mensais. Ela ainda revelou que a TV estuda a possibilidade de segmentar uma terceira opção, de 15 minutos.

Cultura, cidadania e futuro da TV comunitária

A discussão sobre a ausência da comunidade, ou a presença da cidadania, educação e cultura nos programas exibidos pela TV comunitária é hoje um dos principais temas quando se fala em democratização da comunicação. A pesquisadora Círcia Peruzzo, em sua pesquisa, aponta para esse caminho. “A TV comunitária tem propósitos educativos e culturais. Surge em um contexto de efervescência dos movimentos sociais

em que se busca a utilização do vídeo como meio facilitador do processo de tomada de consciência e mobilização de segmentos sociais excluídos”.

Sérgio Amaral crê que é necessário construir uma “cultura de cidadania”. Para o professor da Unicamp, o desinteresse da sociedade com os temas ligados à comunicação é uma “questão cultural”, já que a população em sua essência não teria o pensamento crítico necessário para rein-

dicar mudanças, neste caso a transformação da comunicação comunitária televisiva.

Ele acredita que, somente quando a educação de base ensinar e discutir o conceito de cidadania nas escolas, é que será possível criar uma cultura cidadã, de forma que “as crianças passem desde cedo a compreender o papel de agente político dentro da sociedade, e não apenas uma cidadania de direitos do consumidor”. O professor ainda acrescenta que

este é um debate que não interessa para as “grandes mídias”, e que é preciso o envolvimento dos jovens universitários no que ele chama de “processo de conscientização da sociedade”.

Segundo Jerry, é preciso pensar na TV comunitária como um movimento, assim como foi feito com a radiodifusão comunitária. Ele afirma que a TV comunitária “não tem o mesmo protagonismo das rádios” e que a Abraço pretende construir um diálogo

com a Eucamp para que, juntos, possam fazer com que a TV comunitária de Campinas “cresça e apareça” na hora de reivindicar mudanças na legislação. Ele aponta que a Abraço fará todo o possível para participar e transformar o Canal 8 e que “se não for possível o diálogo e percebermos que o debate é de concepção”, ou seja, visões diferentes no que se refere à TV Comunitária, “vamos chegar de qualquer jeito”.

JULIANA LAZARINI

Uma cidade em rede

Há exatos três anos, os 40 mil habitantes de Pedreira passaram a contar com internet banda larga gratuita em suas casas, o que mudou a vida de pessoas que, em situação diferente, jamais teriam acessado uma única vez a rede mundial de computadores

FOTOS: JULIANA LAZARINI

Neste mês de junho, o sistema de internet gratuita chamado de infovia completa três anos na cidade de Pedreira, município localizado a 40 quilômetros de Campinas. Pioneira nesse sistema, a cidade disponibiliza acesso à rede mundial de computadores, com velocidade de 250 kbps, a seus 40 mil habitantes através de 38 antenas de transmissão via rádio e 11 quilômetros de fibra ótica instalados na zona urbana.

O professor Gean Breda, um dos responsáveis pelo projeto, explica que a fibra ótica funciona como grandes avenidas, interligando os prédios públicos e uma antena a outra. As antenas são as ruas periféricas, as quais transmitem sinal via rádio em um raio de 300 metros.

“Assim como existem ruas, avenidas, rede de água e esgoto e rede de energia elétrica, a infovia provê um novo modelo que é o acesso à informação de maneira democrática, abrindo a possibilidade de incluir a universalidade das pessoas que estavam digitalmente excluídas”, completa o pesquisador.

Pedreira teve dificuldades na consolidação desse projeto na cidade, já que o seu relevo montanhoso interfere no sinal das antenas. “Tivemos que procurar lugares altos para que não houvesse interferência de morros e árvores. Nos locais onde essa possibilidade não se encaixava, usamos fibra ótica”, explica o técnico da infovia na cidade Claudinei Donizetti Gobbi.

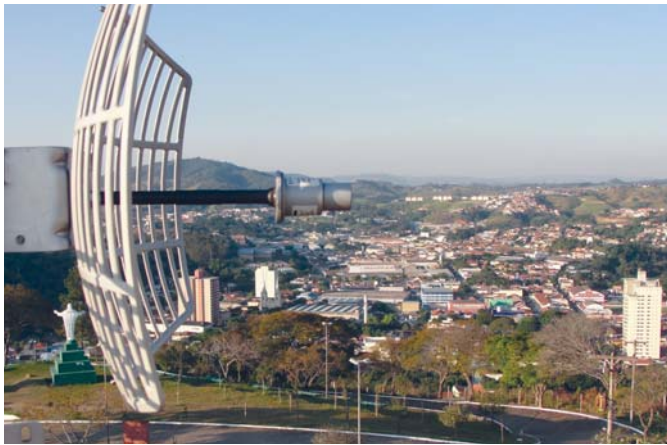
Para que o sistema funcione na residência, é preciso de uma antena para recepção do sinal e um roteador para a conexão.

O custo deste investimento não pôde ser arcado pela prefeitura, cabendo ao cidadão que queira instalar o sistema comprar um kit com esta finalidade, vendido por várias empresas por um valor na média de R\$ 300,00. Para o técnico, esse é um custo que compensa, pois não há mensalidade cobrada por operadora.

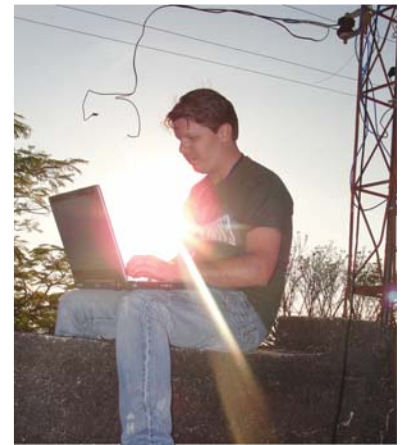
DEMOCRACIA

Gean Breda afirma que o custo do kit seria a principal barreira para o acesso à internet: “Esta iniciativa democratiza o acesso das pessoas à informação, quebrando as barreiras físicas que hoje impedem milhões de brasileiros do acesso a este vasto universo da informação”. Ele diz ainda que o sistema “tira o monopólio e o poder de determinados grupos que controlam poderosos canais de comunicação”.

Locais de uso coletivo da internet, os chamados telecentros, foram criados na cidade para dar acesso a quem ainda não possui computador. Os telecentros da cidade servem também para a capacitação da população com cursos de informática e de domínio de diversos softwares, também gratuitamente.



Antena da infovia de Pedreira; ao lado, Wilson Corazza



Silvia Aparecida de Oliveira, por exemplo, aos 50 anos de idade, moradora da Vila Monte Alegre, um dos bairros onde fica um telecentro, nunca imaginou que aprenderia a usar um computador. Ela acredita que oferecer gratuitamente internet a qualquer pessoa é realmente uma forma de democratizar o acesso à informação, mesmo que a rede anule alguns princípios éticos.

CONHECEU O PAI

“Hoje eu conheço desde a história de Leonardo da Vinci à dos artistas que vejo na novela; é o mundo em minhas mãos”, ressalta. Foi através de uma página de relacionamentos que esta filha mestiça de uma índia com um descendente de italianos encontrou e conheceu recentemente o pai.

O projeto que foi implantado através de uma parceria entre a Prefeitura de Pedreira e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), consolidando-se em um programa. Hoje, o município é considerado pelo Ministério das Comunicações e Anatel um modelo de cidade digital.

Mudança é a palavra que, para Alexandre Kravetz (foto), comerciante de 69 anos, melhor define sua relação com a infovia. A vida deste comerciante sempre foi de muito trabalho, já tendo morado em diversas cidades, inclusive Curitiba e Goiânia. Mas foi no interior de São Paulo, na cidade de Pedreira, que Alexandre conquistou mais uma meta que havia traçado para sua vida: dominar as técnicas de uso de um computador.

Com um rosto cansado, o comerciante não tinha nenhuma atividade fora daquelas decorrentes da rotina do trabalho antes de conhecer a rede de computadores. Acordava cedo e cuidadosamente preparava as massas de seu restaurante, ia

“Quando vi aquilo, me apavorei”

A costureira Dora Silva aprendeu a profissão cedo, aos 18 anos de idade. Hoje com 53, consolidou seu nome e seu trabalho. Mas foi há apenas oito meses que sentiu que nem toda sua experiência era suficiente para dar conta dos novos tempos. Presenteada com um computador por sua filha, Dora sentiu como se não vivesse no mesmo mundo.

“Quando vi aquilo, me apavorei. Minha filha veio com um papo de site, e-mail, e eu não entendia nada do que ela dizia”, descreve.

Foi essa quebra na rotina da costureira que a levou a mudar de atitude. Incentivada pela filha, procurou um curso de informática gratuito em um telecentro municipal. “No começo, tive vergonha de não saber nada, mas depois vi que não era a única ali que se sentia assim”.

Com o tempo, Dora começou a entender aquelas palavras que a filha lhe dizia e passou a alargar sua visão de mundo.

Isso a ajudou nos negócios. Queria colocar em prática tudo o que aprendeu. Instalou a antena e o modem da Infovia em sua casa e

“A internet conectou minha família”

Wilson Corazza, de 32 anos, dono de uma produtora de vídeo, viu seu trabalho se expandir com a nova tecnologia. Antes, o pequeno empresário sofria com a internet discada que tinha em seu escritório. Agora, além de instalar o novo sistema em seu escritório, expandiu para sua casa e para a casa de seus pais.

Todos os dias, ele faz downloads de programas e arquivos em seu escritório. “É rápido! Às vezes eu largava baixando os arquivos e esquecia o computador de tão lerdo que era. Agora, além da rapidez eu economizo cerca de R\$ 70,00 por mês, com os quais eu abri uma poupança para minha filha”.

colocou a mão na massa. Pensando em ampliar os negócios, criou um blog e uma página no Orkut, onde divulga seus trabalhos. Hoje não precisa ir pessoalmente comprar tecidos em São Paulo. Os pedidos são feitos, em uma loja de confiança, pela internet.

Os negócios e a vida pessoal

Na casa de Wilson, a esposa Camila atualiza as fotos que coloca na internet da pequena Alicia, filha recém-nascida do casal. Uma atrás da outra, sem dificuldades, Alicia se eterniza nas páginas da web. E de conexão em conexão, a internet transforma a vida da família.

Com a internet na casa dos pais, Wilson os ensina como se conectar e como usar o computador. A mãe adora e imprime diversas receitas que se transformam em sucesso nos almoços de família, e o pai acompanha minuto a minuto as notícias da região e do mundo. “Dá pra dizer que a internet conectou toda a minha família”, brinca.

de Dora mudaram. Através de uma página de relacionamentos ela conversa com a outra filha e a neta, que moram na Itália.

“Se eu não tivesse aceitado que eu estava defasada, e não tivesse aberto meus olhos para esse novo mundo, sinceramente não sei onde estaria hoje”, conclui.

Alexandre, 69, tem blog

embora ao final da tarde e passava horas na frente da televisão. Quando chegou a novidade em Pedreira, ele não teve dúvidas: cadastrou-se na prefeitura.

Hoje, diariamente, ele atua

liza seu site, escreve artigos em seu blog, deixa recados em suas páginas no Twitter e no Orkut, e por último lê as respostas a emails que passou a enviar a parentes distantes e outros que conheceu pela internet. A rede se tornou o -

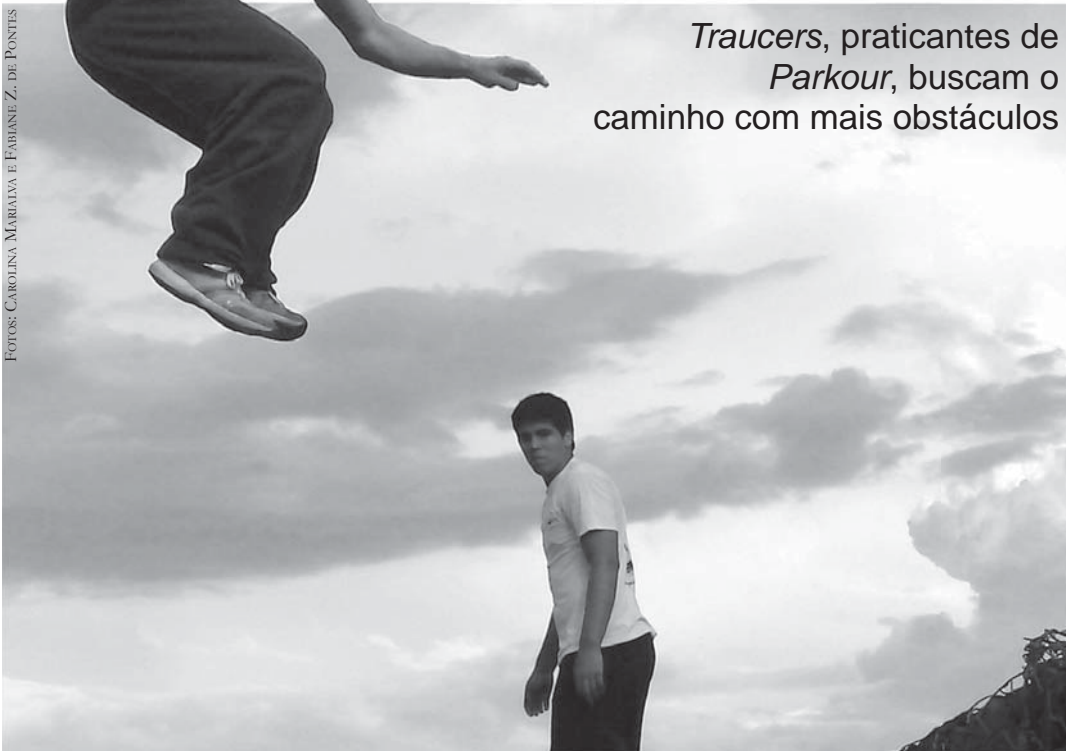


mento de lazer, uma oportunidade para conhecer pessoas, ler notícias e conhecer o mundo.

Apesar de possuir computador em casa, Alexandre preferiu escapar da rotina do lar e ir, todo dia, ao telecentro que fica duas ruas acima de sua residência. Lá, fez diversos amigos no curso de informática para a terceira idade e também passou a se relacionar com crianças que admiram sua vontade de aprender. Para elas, ministra ensinamentos de vida, que pretende passar através da internet para o mundo. “O primeiro passo já conquistei, foi aprender. Agora, o mais importante para mim é ensinar tudo o que aprendi com essas experiências”, ressalta Alexandre.

Desafio à preguiça

FOTOS: CAROLINA MARIALVA E FABIANE Z. DE PONTES



Traceurs, praticantes de Parkour, buscam o caminho com mais obstáculos

Fernando e Vítor, traceurs da comunidade Parkour Campinas, praticando a modalidade na Praça Arautos da Paz

CAROLINA MARIALVA e FABIANE Z. DE PONTES

Numa tarde de sexta-feira, dois jovens desafiam a acomodação imposta pela lei do menor esforço que caracteriza o personagem Macunaíma e são aplaudidos no meio da Praça Arautos da Paz, no Taquaral, por um bando de skatistas que havia parado para ver o espetáculo de Fernando Bedin, 22 anos, estudante de Odontologia da Puc-Campinas, e de Vítor Casemiro, 18 anos, aluno do terceiro ano do ensino médio.

O que poderia parecer uma brincadeira juvenil, um exercício de educação física ou um treinamento militar é apenas o início de mais um encontro da comunidade do Parkour Campinas. Contra o jargão “Ai, que preguiça”, do anti-herói da obra de Mário de Andrade, eles correm, saltam, penduram-se, rastejam, rolam, escalam e equilibram-se no espaço urbano. A atividade consegue reunir todas estas habilidades para alcançar um objetivo: transpor obstáculos à custa de esforço físico.

Depois de ingressar no grupo, estes dois jovens começaram a ver a vida e a cidade sob uma ótica completamente diferente. O estudante de cursinho Victor Bueno, que começou a treinar aos 15 anos, depois de acessar a comunidade Orkut, anda pelas ruas imaginando exercícios a todo instante. Para Fernando, desde quando começou a praticar, há quatro anos, a arquitetura urbana mudou,

virando um obstáculo a ser transposto com agilidade e motivo de treino, deixando de lado o comodismo da vida cotidiana.

Desenvolvido a partir da junção de duas técnicas, a do método natural, conceito desenvolvido pelo antropólogo Georges Hébert sobre o desempenho físico, que era ensinado nas escolas francesas, como uma espécie de educação física, e a do “Parcours du Combatant” (Curso de Combate), decorrente da primeira, utilizada no exército francês, a prática foi elaborada nos anos 80 pelo atleta francês David Belle e chegou ao Brasil há seis anos.

Le Parkour, expressão francesa que significa “O Percurso”, ainda não

é uma atividade tão famosa no Brasil. Muitos podem não perceber, mas a prática já está difundida na mídia e até no dia-a-dia, podendo ser vista em abertura de novela, em propagandas, em eventos, nas ruas da cidade e até em diversos longa-metragens lançados nos últimos anos, como o “B13”, “007 Cassino Royale” e “Duro de Matar 4.0”.

Fernando iniciou-se na atividade depois de ver vídeos na internet e ficar impressionado com as coisas que os traceurs, como são chamados

os adeptos, eram capazes de fazer. O estudante sempre fora um simpatizante das atividades físicas, já praticara capoeira, artes marciais e ginástica olímpica, mas se identificou mais com o parkour, pois achou-o diferente e mais dinâmico. Porém, os vídeos impactantes da internet, que levam muitos a começar a praticá-lo, são apenas para chamar atenção para a atividade, afirmou Fernando, que diz não ficar o dia inteiro pulando pelos edifícios da cidade. “A atividade é mais do que isso, é um condicionamento físico no qual os pontos principais são a movimentação e o desenvolvimento da percepção corporal”, explica.

Bem por isso o mentor David Belle implora, segundo Vítor, que o parkour não

seja rotulado como esporte, mas sim como uma disciplina.

Na atividade, não existem competições, uma vez que cada pessoa tem um tempo de aprendizagem e um receio diferentes. O que, de acordo com Jéssica Montanini, estudante de Ecologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Rio Claro, uma das poucas praticantes do sexo feminino de Campinas, substituiria a competição, seria a modalidade chamada “Free Running”, que utiliza os movimentos da disciplina acrescidos de acrobacias artísticas, que são feitos campeonatos. Contudo, esta prática, segundo ela, não pode ser considerada como parkour, pois vai contra a filosofia que o método procura difundir.

Todos já o praticam, acredita Vítor, mesmo sem querer. “Quando você quer chegar em algum lugar mais rápido e corta caminho você já está treinando”, disse. Os adeptos da atividade e o próprio conceito de método natural defendem que o ser humano vai desaprendendo o parkour ao longo da vida. Não é coincidência os movimentos mais comuns dos traceurs serem executados inconscientemente no cotidiano de uma criança mais agitada. “Ela ouve tanto ‘não’, ‘para’, ‘desce daí’, ‘isso aí num pode’, que se esquece de se mexer daquela forma quando fica mais velha. O parkour é uma volta à consciência de que você tem esse corpo que pode ser usado de milhares de formas!”, explicou Fernando.

PICHADORES?

De acordo com Fernando, ainda há quem os confunda com baderneiros e pichadores, mas, graças à divulgação da atividade pela televisão e, principalmente, pela internet, as manobras feitas pela cidade estão sendo bem aceitas. “O pessoal geralmente costuma confundir muito com pichação quando estamos fazendo parkour, porque vira e mexe estamos em cima de algum muro, pendurado em algum poste. Mas atualmente ficam meio curiosos, querendo saber se é o que viram na TV ou no Youtube.”, disse.

Jéssica conta que muitas vezes já foi parada por algum policial que a confundiu com alguma “arruaceira”, mas, em alguns casos, para resolver a situação, bastou explicar que estava praticando parkour e não depravando o lugar. “Guardas nem sempre entendem que parkour é uma atividade física, e geralmente acham que vamos destruir os lugares.” explicou a praticante.



Parkour une diversidade de praticantes

A disciplina não tem restrições para idades e gêneros. Qualquer um pode praticá-la, basta ter força de vontade e um preparo físico para isso.

Para a universitária Jéssica, não existem diferenças entre homens e mulheres na prática da disciplina. Cada gênero tem seu ponto forte: os homens têm mais força, as mulheres mais flexibilidade; e cada uma destas características ajuda em um movimento diferente.

Contudo, há aqueles que as aparências enganam.

Fernando conhece um exemplo vivo de quem não possui o perfil de um praticante de parkour e, mesmo assim, é um dos melhores do grupo nos treinos.

“O Gué, Guilherme Palma, não tem cara de quem pratica. Você olha pra ele na rua e nunca vai imaginar que um médico que usa óculos, tem aquela cara de nerd, é um cara que manda super bem no parkour”, observou Fernando.

Mas, apesar de ser um exercício viável para todos que o quiserem ingressar na

prática, a atividade ainda é uma disciplina pouco conhecida. A internet ajuda a divulgar e a unir os amantes do parkour.

Os encontros normalmente são planejados via comunidades no Orkut e, segundo Vítor, são sempre cheios e agitados, uma ótima ocasião para se presenciar a diversidade dos praticantes. “É uma experiência muito boa. Você revê amigos, conhece novos. É como uma confraternização! O parkour pode unir pessoas”, brincou.

PEDRO GARCIA

Pôquer bem comportado

Espaço reservado para o jogo, perto da Maternidade, foi idealizado por dois amigos para promover torneios com prêmio que oscila na casa dos R\$ 1 mil

FOTO: PEDRO GARCIA



Os jogadores vivem a expectativa enquanto o *croupier* contabiliza as apostas

A casa é um enorme sobrado com janelas de vidros escurecidos. Nenhuma placa ou letreiro identifica o lugar, na Rua Barão Geraldo de Resende, cerca de quinhentos metros atrás da Maternidade. Os carros são estacionados nos arredores do prédio – o estacionamento em frente ao imóvel comporta apenas três automóveis. A entrada é uma porta de vidro simples que é aberta por volta das 19h30. À primeira vista, o Wings Club Campinas, o clube de pôquer inaugurado dia 30 de janeiro na cidade, em nada lembra os luxuosos cassinos de Las Vegas.

Ao entrar no recinto, entretanto, a história muda. Na primeira sala, o visitante faz o registro e pega uma ficha para consumo de bebidas. A sala seguinte – um ambiente com luz fraca, várias poltronas pretas de couro e uma televisão de plasma de 42 polegadas, que normalmente exibe programação esportiva ou torneios de poker – é onde fica o bar, para aqueles que não estão jogando.

Seguindo em frente, passa-se por uma entrada sem portas que se abre para uma sala com cerca de duzentos metros quadrados, mobiliada com nove mesas de jogo, cada uma com capacidade para comportar até dez jogadores mais o *croupier* – profissional responsável por comandar a mesa e distribuir as cartas. Ao fundo, a sala ainda possui uma rampa que dá acesso ao segundo andar, onde se encontram mais nove mesas e um espaço reservado para um restaurante que será construído após reforma pela qual o estabelecimento vai passar.

Os frequentadores são, na maioria, homens de vinte a trinta anos, vestidos sem nenhuma formalidade (alguns, até de bermuda e camiseta). De todas as visitas que a equipe do Saiba+ fez ao clube, em apenas uma foi vista uma mulher, que estava jogando, inclusive. Na ocasião em que foi solicitado aos jogadores permissão para fotografar a mesa, um deles disse, brincando: “Cuidado com onde vocês vão publicar isso. Minha mulher pode ver!”.

Como o local é relativamente apertado, por causa da quantidade de gente e do tamanho das mesas, os jogadores se espremem no espaço e esperam sua vez de jogar, para apostar as fichas adquiridas antes do início do jogo. Somente as fichas.

O relações públicas João Vasco, um dos criadores e administradores da casa, explica que o Wings Club é uma associação desportiva que trabalha com torneios de pôquer e que, assim como nos torneios de xadrez ou gamão, o jogador paga uma taxa de inscrição (chamada buy-in) para participar do campeonato. O valor da taxa varia de R\$ 10 a R\$ 50, dependendo do dia. Nas quartas-feiras a inscrição é grátis. O dinheiro pago, no caso do pôquer, é revertido em fichas para o jogo. “A pessoa joga com as ferramentas dela, que são as fichas. Esse negócio que aparece em filme, de colocar dinheiro na mesa, chave do carro, não existe por aqui”, explica Vasco.

Além do valor da inscrição, o jogador pode comprar uma nova quantidade de fichas, caso tenha menos que o valor inicial. Essa recompra é chamada de re-buy. Os re-buys, contudo, só são permitidos durante um determinado período de tempo, que varia entre uma e duas horas, conforme o dia.

O torneio começa, efetivamente, por volta das 21 horas, quando os re-buys não são mais aceitos. São fecha-

das as mesas, e cada jogador aposta até perder todas as suas fichas ou ganhar as fichas dos adversários. Ao perdê-las, o jogador é eliminado da competição. As mesas vão se reorganizando e o jogo segue até que um dos participantes ganhe todas as fichas dos demais. Ao término, o vencedor troca o valor de suas fichas por dinheiro, sendo que 15% desse valor fica para o clube. O prêmio final normalmente oscila na casa dos R\$ 1 mil.

Os torneios não têm duração média de tempo. Segundo Vasco, podem perdurar por até 9 horas contínuas, dependendo do número de pessoas e do nível técnico dos jogadores.

MAIS HABILIDADE, MENOS SORTE

Considerado um esporte da mente, o pôquer é um jogo no qual se precisa mais de habilidade do que de sorte. Pesquisa realizada pelo Instituto de Criminalística do Estado de São Paulo apontou que o jogo não depende exclusivamente da sorte – que aparece apenas na distribuição das cartas. Portanto, apesar de não ser legalmente permitido – por não haver uma lei específica que o autorize – o pôquer não é proibido, pois não pode ser considerado um jogo de azar, que são aqueles em que o ganho ou a perda dependem exclusivamente da sorte.

O jogo consiste em formar uma sequência de cinco cartas, tendo cada sequência um determinado valor. No

Texas Hold'em, estilo de jogo mais comum e o que é praticado no Wings Club, o *croupier* abre cinco cartas na mesa – que podem ser usadas por todos – e cada jogador recebe mais duas, secretas, que só podem ser usadas por ele. A partir da combinação das cartas de sua mão mais as da mesa, o jogador aposta suas fichas. Ganha aquele que fizer a sequência de maior valor.

O campeão paulista de 2008, Denis de Andrade (popularmente conhecido como Denão), explica que conhecer o jogo do adversário, por exemplo, é “primordial para se conseguir algum sucesso”. De acordo com ele, o bom jogador não joga somente com as cartas que tem na mão, pois isso seria contar apenas com a sorte. O bom jogador precisa, ao longo do torneio, desvendar o modo como o adversário joga e, mesmo sem cartas boas, apostar suas fichas esperando que o outro desista, ensina. Fingir estar inseguro com boas cartas na mão ou mostrar-se seguro quando não se tem nada de bom são outras estratégias usadas pelos jogadores.

O *Cash Game Poker* – como é chamada a disputa na qual o jogador pode levar qualquer quantidade de dinheiro para a mesa e fazer apostas de valores altíssimos – também existe, paralelamente aos torneios, mas é considerado legal somente em alguns países. Diferentemente de Las Vegas, no Brasil esse tipo de pôquer é ilegal e, partir do momento que um jogo é ilegal, não é

permitido se fazer apostas a dinheiro. Assim, enquanto nos torneios o jogador paga a entrada e busca o prêmio final, nos Cash Games ele pode apostar quantidades astronômicas de dinheiro e sair da mesa na hora que desejar.

Segundo o empresário Alex Douglas, um veterano do ramo, conhecido como Alex Belo nas mesas de pôquer, o torneio é muito mais saudável, porque o jogador só pode comprar fichas um número limitado de vezes, e a vitória depende mais da lógica do que do poder aquisitivo. “Existe uma hora que a pessoa não pode comprar mais ficha. Nessa hora o dinheiro dela vale o mesmo que o daquele rapazinho que não tem nem metade do que ela tem”, explica o veterano.

Além de serem considerados mais saudáveis, os torneios de pôquer também são muito mais profissionais. Denis conta que os re-buys foram abolidos do Campeonato Paulista de Poker justamente para privilegiar os jogadores com maior habilidade em detrimento dos que tenham maior poder aquisitivo. De acordo com ele, os torneios estão buscando dar mais crédito aos jogadores que procuram estudar o jogo e aperfeiçoar sua habilidade do que àqueles que jogam simplesmente por possuírem grande quantia em dinheiro.

JOGO ENTRE AMIGOS

A ideia de montar o Wings Club em Campinas surgiu de uma reunião entre amigos, que todas as quartas-feiras se reuniam para jogar pôquer na casa de um deles. O que antes era um encontro para jogar baralho e tomar cerveja acabou crescendo – quando cada um deles passou a chamar outro amigo para integrar a turma – até chegar ao ponto em que uma casa não era suficiente para comportar todas essas pessoas. Analisando a situação e o mercado na cidade, Vasco e seu sócio, Rafael Monti, decidiram abrir o estabelecimento.

Apesar de hoje ser uma empresa, administrada pelos dois sócios, o clube continua possuindo ambiente descontraído, como aquele da casa dos amigos. Segundo Vasco, a ideia é justamente essa, que o Wings possa ser um estabelecimento para jogar pôquer e ao mesmo tempo um “lugar para se assistir ao futebol de quarta”.

Por ser considerado um esporte da mente, o pôquer exige que se esteja sóbrio na hora da competição, afirma Denis. “As pessoas não bebem nos torneios de xadrez nem nos de gamão, por que beber nos de pôquer?”, questiona. Apesar da recomendação do veterano, muitos dos frequentadores do Wings ainda jogam acompanhados de uma garrafa de cerveja, que fica em um compartimento móvel, ao lado da pessoa.

O que o campeão paulista procura esclarecer é que o “ambiente escuro, com fumaça, whiskey, charuto, muitas vezes ligado à Máfia”, que aparecia nos filmes, embora ainda exista, é muito mais raro do que no passado. Para ele, hoje o pôquer está muito mais profissionalizado, já existindo pessoas que vivem só do esporte.

Reunião em casa de imortais

NARA L. A. DIAS

Na entrada do prédio, há seis colunas imponentes que abrem caminho ao interior. Lá dentro, quem chega vê as obras expostas na galeria de artes plásticas e, ao final do corredor, encontra o salão principal - o coração do lugar, com 40 cadeiras de honra reservadas aos imortais de Campinas. A sede da Academia Campinense de Letras, um prédio de estilo dórico na rua Marechal Deodoro, reúne todo mês acadêmicos que buscam manter constante o renascimento e a difusão da cultura em Campinas.

Normalmente, as reuniões dos imortais campineiros acontecem toda primeira segunda-feira de cada mês. Mas, em maio, a data foi alterada para o dia 17 por um motivo especial: a instituição comemorou seus 54 anos.

A reunião de aniversário atraiu exatos 48 curiosos, espalhados pelos lugares reservados ao público - vieram prestigiar os discursos.

Lá na frente, fica a mesa da diretoria, onde estão presentes quatro dos nove diretores, incluindo a secretária Maria Conceição de Arruda Toledo, carinhosamente apelidada de Cat, integrante mais antiga da Academia.

Veem-se nas 20 cadeiras à esquerda de quem entra na sala, homens vestindo caracas e cabelos grisalhos, todos de terno e gravata. Há também duas senhoras, em pose impecável e atenta, com suas roupas de festa e echarpes felpudas.

As demais cadeiras de imortais, do outro lado do salão, estão vazias. A frequência não é obrigatória e, mesmo em dia de festa, nem todos comparecem.

O caso é que alguns acadêmicos dão aulas nas universidades locais, outros são muito idosos ou participam de clubes, e nem sempre podem ir a um encontro marcado para as 20 horas de um dia de semana.

Logo no início da reunião, o prefeito Hélio de Oliveira Santos é convidado a discursar. Ele fala por algum tempo, mas tem outros compromissos e, quando sai, saem com ele alguns homens elegantemente vestidos.

FALAM DA LÍNGUA

A Academia ganha então um clima de "casa". São amigos falando da língua que amam e estudam. Falando uns dos outros, de outros imortais, do propósito de seus trabalhos e de colegas falecidos.

Dois acadêmicos morreram nos últimos dois anos, deixando vagas cadeiras que ainda não foram reocupadas. Isso porque, de acordo com o acadêmico e ex-diretor da



FOTOS: NARA L. A. DIAS

Os acadêmicos somam 40 escritores da cidade de Campinas, escolhidos por seus pares

Cat conquista cadeira feminina



Fachada da sede da Academia e a "Guardiã" Conceição Arruda Toledo, com 90 anos

Ela tinha 40 anos quando se mudou para Campinas. Começou a escrever para jornais no tempo de estudante e, casada, foi acompanhada pelo marido ao curso de jornalismo da PUC, ainda no prédio central.

Com o diploma, Maria Conceição Arruda Toledo passou a enviar artigos para o Diário do Povo e, sem sair de casa, iniciou sua campanha em prol da entrada das mulheres na Academia Campinense de Letras.

Fundada em 1956, a Academia era um clube só para homens. O fundador, professor Francisco Ribeiro Sampaio, dizia que se mulher entrasse no clube não haveria mais paz por ali.

Conceição achava o argumento muito fraco, mesmo porque, no ano da fundação da Academia, a romancista campineira Maria José Moraes Pupo Nogueira fora premiada pela Academia Brasileira de Letras, com a obra "Natal Solitário", mas não pudera ocupar uma cadeira em Campinas somente por ser mulher.

Ao ficar sabendo do caso, Conceição Arruda Toledo decidiu: "Vou quebrar este tabu". No começo de sua campanha, tinha muito medo das consequências de seus artigos, porque dava nome e sobrenome dos políticos e acadêmicos que atacava, exigindo o respeito pelos direitos femininos. Este medo levou a escritora a assinar seus textos com um pseudônimo: a primeira letra de cada sobrenome, C. A. T., ou Cat.

Em 1969, Cat tomou conhecimento de outra mulher envolvida numa campanha parecida. Em São Paulo, a escritora Diná de Queiróz mobilizava-se para colocar o então sexo frágil na academia literária da capital. Cat escreveu, então, um artigo dando apoio a Diná e convocando as mulheres de Campinas para aderirem à causa. Nenhuma disse uma palavra em resposta.

No mesmo ano, as mulheres venceram a briga em São Paulo, e os acadêmicos de Campinas cederam às exigências de Cat. "Acho que eles cansaram da minha briga", ela explica.

E então entrou para a Academia o símbolo da campanha de Maria, a romancista Pupo Nogueira. No ano seguinte, a própria Cat ocupou a cadeira de número 30. Ela já entrou como secretária, foi presidente em 1989 e, até hoje, com 90 anos, não perde uma reunião - "porque não foi fácil conquistar este lugar".

Desde a conquista, já foi chamada de "Rainha Mãe", "Fiscal Implacável" e "Guardiã da Academia". Recentemente, publicou o livro autobiográfico Gênese e Memória, de 2000, no qual conta toda a jornada que levou as mulheres a invadir o clube dos homens de Campinas.

Mas apesar de toda a luta, Maria da Conceição não se considera feminista. "O mundo não é da mulher. O mundo é da humanidade: do homem, da mulher, do velho, do moço... De todos". Para ela, o único aspecto no qual as mulheres perdem para os homens é na força física. No mais, se for dada chance de estudo e trabalho para elas, serão iguais em tudo!

Faculdade de Letras da PUC-Campinas, Carlos de Aquino Pereira, não é fácil sentar-se em uma delas. O candidato deve ser indicado, apresentar seu currículo de trabalho para avaliação; e ainda precisa da maioria dos votos para ser aceito.

Não há campanha, e ninguém entra para a Academia por relações políticas, poder financeiro ou qualquer outro motivo que não seja o talento na escrita e a dedicação à cultura e à língua portuguesa. De outro modo, diz o titular da cadeira 3, todos cairiam no ridículo, pois o ambiente é pequeno e não comporta segredos desta natureza.

O segundo discurso da noite, feito pelo acadêmico Francisco Isolino Siqueira, lembrou o colega falecido Celso Maria de Mello Pupo, autor de "Campinas, seu berço e juventude".

O presidente, Agostinho Tofolli Tavoraro, que escreveu - entre outros - o livro "Paraísos Fiscais", também discursou, e homenageou o ex-presidente da casa, Rubem Costa, dizendo que "graças aos seus esforços, eles aprenderam a fazer academia, e obtiveram o reconhecimento da sociedade". Tavoraro também ressaltou que a Academia Campinense de Letras não pode se resumir às 40 cadeiras do salão, mas deve manter uma boa relação com as de fora da cidade.

OUTRAS ARTES

Os acadêmicos de letras mantêm contato também com outras artes: a casa abriga a Galeria de Arte Lélío Coluccini, que expõe trabalhos de artistas plásticos. A atual curadora da galeria, Marly Stracieri, também subiu ao parlatório para apresentar a nova exposição "Albergue dos Sonhos", do artista alemão Claus Rudolph.

Além das artes plásticas, a música entrou na reunião, pela cantora e violonista Maria José Correa Serra, que tocou quatro canções, entre elas "Cheiro de Relva" e "Fogão de Lenha".

Cada convidado que se apresentou ao encontro ganhou um certificado de participação. E, no final do evento, pouco antes das 22 horas, o presidente fez seu discurso de encerramento, os acadêmicos pousam para as fotos, e vão para um coquetel na galeria de entrada, antes de irem embora.

O prédio não ficará vazio por muito tempo, pois empresta sua sede aos maçons da cidade e ao Centro de Poesia e Arte de Campinas, além de organizar palestras culturais e abrigar os encontros da diretoria. Os imortais só serão vistos novamente por trás daquelas colunas dali um mês, na próxima primeira segunda-feira de reunião.